

ELAS NÃO MERECEM “TAPA NA CARA”

José Antônio de Ávila Sacramento *

Há cerca de um mês foi comemorado o “Dia Internacional da Mulher”, lembrando o fato ocorrido em 1857 nos EUA quando 129 operárias foram queimadas vivas reivindicando a diminuição na jornada de trabalho. Assim, neste início do século XXI, devemos fazer um balanço das alterações econômicas e sociais que caracterizaram a evolução da sociedade contemporânea e que proporcionaram a conquista de vários direitos, alguns deles no campo feminino: votar e ser votada (em 1934), mais liberdade, qualidade de vida e saúde, maternidade planejada, salários dignos, oportunidades de emprego...

No entanto, a despeito dessas conquistas, ainda existem tristes dados estatísticos que remetem a figura feminina a séculos anteriores: mortes no parto, violência doméstica, salários menores que os dos homens, estupro, assédios sexuais... Segundo dados do “Comitê Latino-Americano e do Caribe para Defesa dos Direitos da Mulher”, no Brasil a cada 4 minutos uma mulher é

agredida em seu lar por uma pessoa com quem mantém relações de “afeto”, sendo que 70% dos agressores é o marido ou companheiro; mais de 40% dessas violências acabam com lesões graves ocasionadas por socos, pontapés, queimaduras e até estrangulamentos.

Não bastasse isso surge agora, com uma convivência avassaladora da mídia, um outro tipo de violência: a violência de gênero musical. Basta ligar o rádio ou a TV para se ter acesso a músicas falando que “tapinha não dói”, que mulher gosta de levar “tapa na cara”; nesses hits (de gosto e qualidade duvidosos) as mulheres são também chamadas de “cachorras” ou “ordinárias”. Esses ritmos populares, longe de serem inocentes, se apresentam como reveladores de preconceitos extremamente negativos para com as mulheres e configuram estímulos para legitimar e manter uma situação degradante, principalmente para os que não têm formação suficiente para “filtrar” tais mensagens. Em meio a um ritmo “alegre e dançante”, tais mú-

sicas soam pejorativas, repletas de zombaria e escárnio; para as mulheres, penso que essas tristes melodias configuram-se em reais e desrespeitosos tapas no rosto.

Quando acabamos de comemorar mais um “Dia Internacional da Mulher” e estamos em meio de tanta informação e conquistas importantes para ambos os sexos, o que era de se esperar era mais respeito com a dignidade da mulher, evitando veicular através da música e mídia atitudes que tornam comum a violência contra a mulher, banalizando o tratamento para com a personalidade feminina. Infelizmente a produção intelectual ou cultural dos nossos atuais compositores está bastante medíocre, principalmente no tocante aos “tigrões” da vida e seus “bondes” que estão por aí a faturar milhões através do dinheiro de suas “ingênuas vítimas” que adquirem seus desprezíveis discos ou, ainda, se submetem a degradantes “closes” uterinos, mostrados em ridículos programas de televisão e/ou bailes.

Precisamos todos, homens

e mulheres, avançarmos e resistirmos, lutando pelo século da igualdade, sem nenhum direito a menos e garantindo, se possível, alguns direitos a mais. É preciso, em se tratando da figura feminina, cantá-la em prosa e verso assim como já fizeram talentosos compositores e como faz o nosso conterrâneo, violero e cantador Chico Lobo: “Beijinho nunca é demais / na boca de quem namora / Nos braços dessa morena / meu peito de homem chora...”

Essas mulheres maravilhosas merecem ser tratadas com mais carinho e respeito, ficando longe de baixarias jogadas na mídia através de canções medíocres que, infelizmente, para nossa tristeza, chegam a fazer algum sucesso, o que é compreensível num país que mantém grande parcela do seu povo distanciado da cultura e, conseqüentemente, desconhecendo do agradável costume de se ouvir músicas de boa qualidade.

*** Vice presidente do IHG e membro do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural.**

Jornal Tribuna Sanjoanense

(São João del-Rei - MG, ano XXXIII, edição 1061, de 10 de abril de 2001)